



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

DA PONTE PRA CÁ

MARIANA GOMES DE LIMA

Campo Grande
Novembro /2023

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



DA PONTE PRA CÁ – UM DOCUMENTÁRIO SOBRE OS IMPACTOS DO TRABALHO NOS ESTUDOS DE ADOLESCENTES DE BAIXA RENDA

MARIANA GOMES DE LIMA

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Júlio Carlos Bezerra

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: “Da ponte pra cá” - um documentário sobre os impactos do trabalho nos estudos de adolescentes de baixa renda

Acadêmicos: Mariana Gomes de Lima

Orientador: Julio Carlos Bezerra

Data: 24/11/2023

Banca examinadora:

1. Julio Carlos Bezerra
2. Felipe Quintino Monteiro Lima
3. Bruno Santiago Alfaca

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca ressalta a qualidade e a relevância do trabalho e recomenda a veiculação do filme na TV Universitária.

Campo Grande, 24 de novembro de 2023.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Julio Carlos Bezerra, Professor do Magisterio Superior**, em 26/11/2023, às 09:21, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Quintino Monteiro Lima, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 27/11/2023, às 13:34, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4479045** e o código CRC **5C037904**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.019610/2023-19

SEI nº 4479045



SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	8
1.1 Execução	8
1.2 Dificuldades encontradas	12
1.3 Objetivos alcançados	13
2. Suportes teóricos adotados	14
Considerações finais	20
Referências	21
Anexos	
Apêndice	



AGRADECIMENTOS

Sou grata por ter tido fé ao longo de toda minha trajetória. Fé em Deus, na vida, na esperança e nas pessoas. Sem isso, a caminhada teria sido muito mais árdua.

Também agradeço a minha família, Ramão Gomes da Silva e Antônia Marli Almeida Lima, que nunca me deixaram desacreditar ou desanimar ao longo desses quatro anos de graduação. Obrigada por acreditarem em mim mais do que eu mesma.

Agradeço aos colegas que me fortaleceram na produção desse documentário, mesmo sabendo que eu não poderia retribuí-los financeiramente. O apoio de vocês foi essencial para que esse projeto saísse do papel Obrigada pai, Ramão Gomes da Silva, Osni Miranda, Evelyn Mendes, Dafne Alana, Reginaldo Silva e Leonardo Ferreira.

Agradeço aos professores do curso que me auxiliaram na formação jornalística, em específico o professor Felipe Quintino, que no meu primeiro dia de aula em 2020, fez uma roda de conversa, ouviu atentamente o que cada um disse e me fez perceber que não é possível educar ou comunicar sem escutar verdadeiramente.

Em especial, não poderia deixar de agradecer aqueles professores que me formam como pessoa humana e inspiram meus maiores sonhos para a educação pública brasileira, Paulo Freire e Rubem Alves.

Também agradeço ao apoio da minha chefe/supervisora de estágio Priscila Trauer, que gentilmente me concedeu dispensas do estágio para que eu pudesse me dedicar a produção desse documentário, além de também ser atenciosa e me incentivar na formação jornalística.

Por fim, agradeço as minhas incríveis colegas de curso Evellyse Michele, Juliene Melo, Giovanna Montoso e Letícia Dantas, que mesmo nos dias mais difíceis, conseguiam arrancar risadas e tornar toda a graduação mais leve. Obrigada.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RESUMO:

Este relatório apresenta a descrição da criação de um documentário intitulado “Da Ponte pra Cá”, como um produto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O objetivo inicial do projeto pretendia produzir um documentário para retratar os desafios de estudantes de escola pública que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Neste material foram entrevistados quatro personagens que compõem a narrativa do tema do vídeo, sendo três estudantes e uma professora da escola em que os mesmos estudam. A escolha do tema se deu através das minhas vivências pessoais como estudante de escola pública no período noturno, que precisava trabalhar para complementar a renda familiar. O material mostra de forma sucinta, nas palavras dos protagonistas, os desafios da relação entre estudos e necessidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola pública; documentário; desigualdade social; trabalho.

Link para acesso ao filme:

<https://drive.google.com/drive/folders/1ItC7b0U53ml1Xbn8eKIFYAfXxEDKtuGP?usp=sharing>



INTRODUÇÃO

O produto desenvolvido neste projeto é um documentário audiovisual que traz um recorte dos desafios de estudantes de escola pública que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. O documentário aborda quais têm sido as expectativas, os sonhos e os desafios desses estudantes de periferia na escola pública a partir de suas perspectivas, bem como de uma professora de sociologia que dá aula para os mesmos.

Enguita (2006) afirma que a escola é uma instituição multifuncional que desempenha diferentes tarefas em relação ao sistema social global. Segundo o autor, as funções mais importantes na escola se desenvolvem com relação às esferas do estado, da economia, da sociedade civil e da formação do consenso social.

Ao adentrarmos o ambiente escolar de periferia, logo avistamos as dificuldades que assolam o processo educativo de alunos que advém de âmbitos sociais marginalizados. A necessidade de ajudar a família através do complemento da renda e a possibilidade de conquistar autonomia através do trabalho fazem parte do caminho de alguns dos jovens que vivem essa realidade. Tendo em vista que o papel da escola se estende para além da formação pedagógica nesses locais, como afirma Enguita (2006), podemos afirmar que a escola está para além de ser apenas o local em que esse jovem estuda ou se forma pedagogicamente, mas é um local que sustenta as aspirações para uma vida com melhores condições no futuro e que o coloca consciente a frente das desigualdades sociais existentes.

Alves (1981, p. 93) afirma que não é possível entender o processo educativo se não levar em conta outros fatores “de ordem biológica, (criança com fome não aprende bem, nem criança doente, nem criança marcada por fatores hereditários), psicológica, social, econômica e política”. Os estudantes de escola pública advindos de uma realidade social de baixa renda são a maioria entre os que precisam trabalhar e conciliar o tempo obrigatório de escola quando ainda são menores de idade. Se o jovem trabalha o dia todo



por necessidade, pega de três a quatro ônibus ou até mais por dia, dorme menos que 8h por noite e enfrenta outras questões em decorrência de sua classe social e precisa chegar a tempo na escola para atingir um desempenho relativamente bom em todas as disciplinas ofertadas, esses fatos não serão simplesmente deixados para fora da sala de aula quando ele a adentrar.

A partir disso, este documentário narra a história de três adolescentes de baixa renda que se dividem entre trabalho e estudos, na tentativa de conciliar ambas as funções. Os jovens relatam os desafios que enfrentam diariamente, como horário que acordam, trajeto de ida e volta até o trabalho, bem como os impactos disso nos estudos, que acontecem no período noturno. Há também a entrevista de uma professora, que descreve as experiências que vive em sala de aula com os alunos, além de também falar sobre as desigualdades que permeiam a escola pública e a educação brasileira.

1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As primeiras atividades desenvolvidas para a construção desse documentário consistiram em leituras e aprofundamento de estudos sobre desigualdades na educação brasileira. Também estudei pesquisas e outros dados que apresentavam as opiniões e desejos das juventudes brasileiras na faixa etária entre 15 e 24 anos. Livros como “Pedagogia do Oprimido”, do autor Paulo Freire e “Ao professor, com carinho”, de Rubem Alves também me ajudaram a entender os diversos contextos sociais que habitam uma sala de aula de escola pública.

Em agosto de 2023 dei início ao processo de captação de fontes, que se deu através de idas até a Escola Estadual Teotônio Vilela, no período noturno. Entrevistei o diretor da escola e apresentei minha ideia. Com isso, ele me levou até os alunos que acreditava terem o perfil ideal dos personagens que eu estava buscando (adolescentes, baixa renda, trabalham ao menos 8h por dia e estudam a noite).



Entrevistei cerca de 8 adolescentes e selecionei dois: Matheus e Gabriele. Todos com histórias semelhantes e que se encaixavam com a proposta deste documentário. O entrevistado Higor Rinaldi foi uma escolha mais específica, tendo em vista que foi meu colega da época da escola e com quem dividi os desafios do trabalho diário e as obrigações escolares à noite de 2017 até 2019. Após a definição das fontes, comecei a desenvolver a documentação e os roteiros de pergunta.

1.1 Execução:

Por se tratar de um projeto no qual eu tinha a intenção de fazer da entrevista uma conversa, os contatos iniciais que tive com eles durante a seleção foi essencial para que as entrevistas se tornassem mais fluídas e descontraídas, apesar do tema. Ao apresentar a proposta, todas as fontes se mostraram muito interessadas em contribuir com este material e se colocaram à disposição, o que contribuiu com o meu empenho e consequentemente com a tranquilidade das entrevistas. Após a seleção, encaminhei os pedidos de autorização de uso de imagem das fontes, pois eles são menores de idade.

Após esse processo, encaminhei as autorizações para uso de imagens dos adolescentes e comecei a produzir um roteiro. Eu não tinha intenção de elaborar perguntas muito complexas ou que tornassem a entrevista burocrática, com extensas frases e números. Fiz então uma curadoria de pesquisas nacionais e regionais sobre educação e juventudes e também sobre a relação do jovem com o trabalho. Montei um documento onde coloquei as principais informações sobre esse tema, com o objetivo de torná-lo um norte para a minha entrevista. Portanto, meu roteiro não seguia uma ordem de perguntas padronizadas, mas sim uma espécie de fluxograma com dados e informações relativas ao assunto do documentário, que me deram um norte durante as entrevistas. Dessa forma, pude fazer da entrevista realmente uma conversa, sem me prender a perguntas específicas.



O terceiro passo na construção do documentário foi definir os dias das entrevistas e combinar com alguns colegas que poderiam me auxiliar na gravação, pois meu objetivo era estar bem atenta a entrevista e isso não seria possível sem o apoio de alguém que pudesse me ajudar a cuidar das câmeras.

Antes das entrevistas, demos início às gravações das imagens de apoio, que pra mim eram as mais importantes. Ramão Gomes da Silva, meu pai e também repórter cinematográfico, foi meu braço direito na captação das primeiras imagens. Fomos até as principais avenidas da cidade, como a Costa e Silva e Rui Barbosa para gravarmos o trânsito intenso dos horários de maior fluxo. Essas imagens foram utilizadas ao longo do documentário com o objetivo de levar uma sensação de movimento e também para inserir o telespectador na história contada. Minha colega Dafne Alana, estudante do curso de audiovisual, também foi essencial na elaboração desse projeto, pois algumas das imagens de apoio foram feitas por ela, que de forma voluntária me ajudou a dar vida aos relatos contados. Também obtive ajuda da minha colega de curso, Evelyn Mendes. Como eu não dispunha de todos os equipamentos necessários e não tinha recursos para alugá-los ou comprá-los, recebi o apoio do repórter cinematográfico e meu colega de trabalho Osni Miranda. Ele me emprestou todos os equipamentos de áudio, como microfones, lapela, boya, fones e carregadores, além de uma orientação básica de como utilizá-los.

De todas as etapas da produção desse documentário, considero esses apoios (Ramão Gomes da Silva, Evelyn Mendes, Dafne Alana, Reginaldo Silva e Osni Miranda) como um dos mais importantes. Nada disso poderia ter sido feito sem a participação direta ou indiretamente desses colegas. Essa busca por pessoas que pudessem me ajudar na produção foi um pouco lenta, já que este é um projeto sem verba e sem remuneração, com exceção do editor, que foi remunerado. Por isso busquei pessoas próximas a mim e sou grata pelo apoio incondicional que me deram ao longo desses quatro meses de produção audiovisual.



Ficha Técnica:

Direção: Mariana Lima (@__anamari)

Direção de fotografia: Mariana Lima

Assistência de Imagens: Ramão Gomes da Silva (@reimongomes22), Evelyn Mendes (evelyn__khris), Dafne Alana (dafnett)

Câmeras nas Entrevistas: Ramão Gomes da Silva, Evelyn Mendes

Produção: Mariana Lima

Assistência de produção: Ramão Gomes da Silva, Evelyn Mendes

Montagem e edição: Reginaldo Silva (@regis_edit)

Roteiro: Mariana Lima

Orientador: Júlio Bezerra

Entrevistados: Matheus Felipe Barbosa, Edivânia Freitas, Gabriele Rosa, Higor Rinaldi.

A primeira entrevista foi feita com a professora Edivânia, num sábado, dia 16 de setembro, de manhã na biblioteca da Escola Estadual Teotônio Vilela. Por ser num sábado, não havia muitas opções de imagens para fazermos dela em sala de aula, logo, decidimos agendar outro dia para essa captação de cenas.

A segunda entrevista foi feita com o adolescente Matheus, no mesmo dia (16 de setembro) no período da tarde. Por ter uma rotina corrida, tanto as fontes, como eu, tínhamos muitos conflitos de horário. A entrevista do Matheus teve que ser gravada na minha casa, visto que ele só tinha disponibilidade aos sábados a tarde e esse era o horário que a escola não abria. Na sala da minha casa, montamos um cenário com livros e demais objetos que remetem a estudos e prosseguimos com a entrevista. Apesar dos desafios, o jovem se sentiu à vontade, o que tornou a entrevista mais fluída.

A terceira entrevista foi com a jovem Gabriele. Decidi que essa entrevista seria gravada na escola, no período em que ela estivesse em aula. Solicitei a liberação da



aluna para a coordenação da escola, a fim de não atrapalhar as aulas dela. Gravamos no dia 20 de setembro. Por fim, gravamos com o Higor no dia 22 de setembro, também na escola. A entrevista com ele foi a que mais encontrei dificuldades para conciliar os horários e para ajustar os áudios, visto que no dia o microfone descarregou.

Após essas etapas, dei início a gravação das imagens que contextualizam as falas das fontes. No mês de outubro, acompanhada da minha colega de curso Evelyn Mendes, gravei o trajeto do Matheus, da casa dele até o trabalho. Todo o percurso durou cerca de 2h30, pois a casa do jovem fica a 21km do local onde ele trabalha. Essa cena era importante, pois deixaria mais claro o que Matheus relata quando fala que uma de suas maiores dificuldades é o percurso e o tempo que gasta dentro do transporte público. Não foram autorizadas imagens dele especificamente no local de trabalho. Com a Gabrielle isso não foi possível, tendo em vista que ela trabalha em um local privado e a chefia dela não autorizou nenhum tipo de imagem da jovem enquanto estivesse cumprindo a carga horário na empresa.

Como a Gabriele e o Matheus estudam juntos e são alunos da professora Edivânia, decidi gravar imagens dos três em um dia comum de aula. Fui até a escola e captei imagens deles durante o intervalo e as atividades escolares. Essa visita me proporcionou, a convite da escola, uma fala sobre desigualdade na educação e sobre meu projeto de documentário. Paralelo as entrevistas, minha colega Dafne me mandou as imagens que ela tinha captado e fomos alinhando quais outras imagens seriam importantes para a contextualização da narrativa.

Em meu projeto inicial, o objetivo era ter ao menos 7 personagens, entre professores e alunos. No entanto, após reuniões com meu orientador, entendi que muitas entrevistas poderiam me prejudicar, considerando o tempo máximo que o documentário poderia ter, o que não me permitiria um maior aprofundamento nas histórias contadas.

Por fim, após todo o material imagético ter sido captado, comecei o processo de edição e montagem do vídeo. Inicialmente essa edição seria feita por mim, com



orientação do professor Julio Carlos Bezerra. No entanto, devido a falta de tempo para me dedicar a essa função e por entender que não domino completamente as ferramentas e os softwares de edição, o que poderia acarretar em complicações na execução de um produto de TCC, busquei uma pessoa que pudesse ficar responsável por essa atribuição. Sendo assim, a edição foi feita pelo editor Reginaldo da Silva. Todo o processo de montagem e edição do vídeo foi acompanhado e orientado por mim, a fim de conservar os objetivos e as ideias iniciais para essa produção audiovisual.

A escolha das músicas para a trilha sonora do documentário se deu pela relação entre as letras e as histórias contadas nas entrevistas. Por ser o gênero musical que mais me identifico, entendo o rap como uma forma de resistência e também de denúncia das mazelas vividas pela sociedade. Em “Sou+Você” do grupo de rap Racionais Mc’s, a letra retrata a realidade vivida por grande parte dos trabalhadores do Brasil. O fato de acordar cedo, pedir por dias melhores e vivenciar os desafios do dia ficam claros na letra e se relacionam com o que os personagens contam em seus relatos. A música “A ordem natural das coisas”, cantada pelo cantor e compositor Emicida traz no trecho utilizado a relação do trabalhador com o horário. Ao cantar “dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce...” evidencia que a população sai para trabalhar antes do sol nascer, como é o caso dos jovens entrevistados. A música “Ying Yang” do cantor e compositor Febem, traz destaque para a maioria dos desejos desses jovens no trecho “o plano segue o mesmo e é tirar a mãe do sufoco. Tem que estar na atividade mesmo não tendo mais gosto”, que mostra que apesar de ser difícil, a caminhada precisa continuar.

O processo de edição durou cerca de três semanas. Eu me reunia com o Reginaldo e íamos montando o vídeo de acordo o roteiro que e as seleções de trechos importantes que eu havia separado. Acompanhar de perto a edição foi importante, pois junto do editor conseguimos notar trechos e imagens importantes.



1.2 Dificuldades Encontradas

Ter como objeto de produção um documentário foi o maior desafio. Desde o pré projeto, meu objetivo era construir narrativas com muitas imagens além das entrevistas. Por conta da rotina corrida e também da baixa disponibilidade das fontes, essa quantidade de imagens previstas não foi possível de ser realizada da forma que planejei. Ao longo de toda a graduação, minha maior afinidade foi com rádio e telejornalismo. Trabalhar na direção, produção e edição de um produto audiovisual, que envolve minuciosamente detalhes de cenário, som, luzes e equipamentos foi algo totalmente novo e feito de forma experimental. Neste caso pude contar com o apoio dos colegas que já são profissionais do audiovisual, como é o caso do Osni, Ramão e Reginaldo.

Quando escolhi o tema desse vídeo, a minha intenção era gravar todas as entrevistas na escola, em cenários diferentes. A ideia também era fazer muitas imagens de apoio das fontes, de forma que eu pudesse realmente estar imersa na realidade de cada um deles e levar isso para o telespectador. Por conflitos de horários e também pelas demandas de outras disciplinas e estágio, não consegui me aprofundar como gostaria na produção dessas imagens. Isto foi notório na edição do material.

Ao longo da montagem, eu e Reginaldo fomos percebendo que não tínhamos imagens de apoio suficientes para complementar a narrativa das fontes. No caso do Matheus, em específico, consegui acompanhar o trajeto dele de casa até o trabalho. Essa sequência de imagens também deveria ter ocorrido com a Gabriele e com o Higor, no entanto, houve dificuldades. Não fui autorizada a gravar o trajeto da Gabriele e nem ela em seu local de trabalho. Já no caso do Higor, ele possui uma rotina extremamente corrida de um trabalho para o outro e quase não tinha tempo nem para me responder no WhatsApp, o que dificultou ainda mais a nossa comunicação. Entrevistá-lo foi uma sorte, pois ele nunca tinha horário disponível.

Além disso, ter que me desdobrar para realizar todas as etapas de pesquisas, entrevistas e busca por equipes sem remuneração foi uma parte difícil. Gostaria de poder



remunerar todos aqueles que contribuíram nessa construção. Após o desenvolvimento desse material, vejo hoje que o curso de jornalismo da UFMS falha muito com os alunos quando permite que produções dessa dimensão, como documentários, produtos audiovisuais e demais projetos sejam feitos de forma independente, pois é uma regra para trabalhos de conclusão de curso. Na prática, é muito difícil que algum aluno, por mais capacitado que seja, faça isso sozinho sem o apoio de ninguém.

Acredito que isso vai contra as características de um bom profissional jornalista, visto que nesta profissão somos completamente dependentes. Dependemos das fontes, dos dados, das informações de especialistas, dos horários, da nossa própria equipe, enfim, totalmente dependentes e assumimos isso, é a premissa da nossa profissão. Não acredito que seja possível fazer jornalismo sem trabalho em equipe, pois é aí que verdadeiramente a comunicação se estabelece com um propósito. Então por qual motivo na fase final da formação de um jornalista supõe-se que ele deveria fazer tudo o que se propôs a fazer como projeto de conclusão de curso sozinho?.

Por fim, destaco que a quantidade de disciplinas e demandas exigidas complicaram meus horários de dedicação a este documentário.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo de criar uma narrativa audiovisual no formato de um documentário, mostrando os relatos de estudantes de escola pública que trabalham e estudam foi alcançado. Os objetivos específicos, como expor a opinião dos estudantes sobre as disparidades sociais enfrentadas e retratar os espaços ocupados por eles, também foram alcançados.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul





2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

Ao pesquisar sobre esse assunto, é possível encontrar matérias jornalísticas sobre estudantes, trabalho, evasão escolar e impactos sociais causados pela pandemia, mas não sobre a realidade de jovens de escola pública que trabalham e estudam ao mesmo tempo. As diversidades de classe, raça e gênero das juventudes brasileiras também contribuíram na escolha do tema, tendo em vista minha atividade como pesquisadora de educação.

Para captar a relevância do tema “estudantes de escola pública que precisam trabalhar”, é importante compreender que existem diferenças entre a educação pública e a educação privada no Brasil. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), de 2018 - da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o Brasil está abaixo da proficiência ideal em leitura e disciplinas que integram a grade curricular da educação básica, como ciências e língua portuguesa. O número não indica resultados positivos para a educação brasileira desde 2009, quando o Pisa também foi realizado, considerando as comparações entre os países da América do Sul que também são compreendidos pela pesquisa.

Em áreas como Matemática, Ciências e competência em Leitura, o Brasil ocupa entre o 50º e 67º lugar no ranking, com os piores índices de habilidades nas áreas. O resultado apresentado no Pisa também considera o turno escolar em que os estudantes estão matriculados e a variação de resultados entre aqueles que estavam em exercício de atividade remunerada durante a pesquisa e aqueles que estavam se dedicando aos estudos somente. A pesquisa afirma que estudantes do ensino noturno apresentaram desempenho médio em Leitura menor do que estudantes que estão matriculados em turnos matutino, semi-integral ou integral. O ponto de destaque do Pisa que embasou parte da construção desse produto audiovisual foi:



Observa-se, que, aproximadamente 43% dos estudantes de 15 anos de idade declararam nunca ter trabalhado. O desempenho médio em leitura alcançado pelos estudantes que nunca exerceram atividade remunerada é significativamente superior, em termos estatísticos, ao desempenho médio dos estudantes que exerciam atividade remunerada no momento da pesquisa ou já exerceram em algum momento anterior. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes que trabalhavam no momento da pesquisa e os estudantes que trabalharam em algum momento anterior (PISA, 2018)

No que tange às questões que envolvem o nível socioeconômico dos estudantes analisados pelo Pisa, é possível notar a influência das estruturas sociais e seus impactos na aprendizagem dos jovens. Ao considerar que os resultados dessa pesquisa abrangem a possível incapacidade dos estudantes de realizarem cálculos, compreensão de textos e questões científicas básicas, a classe econômica na qual estão inseridos são fatores que interferem em seu processo de aprendizagem.

“A escolaridade dos pais tende a afetar positivamente a nota dos alunos nas duas redes, mas o efeito é de maior magnitude para escolas privadas. É interessante notar que para as escolas públicas, quanto maior o quantil, maior o efeito de a mãe ter mais de 11 anos de estudos, ao passo que, para o setor privado, o efeito é relativamente constante. A “escolaridade média” das mães por turma tende a gerar qualidade educacional, com ligeira superioridade para o setor privado” (BELUZZO, et al., 2014 p.424)

Nos aspectos que dizem respeito ao papel da educação, em especial dos jovens de escola pública, o professor e autor Paulo Freire afirmava que a educação precisa ser libertadora e uma incentivadora da criticização de problemas sociais atuais. Ele afirma que os estudantes precisam de uma educação que os leve a não passividade diante das desigualdades enfrentadas em decorrência das disparidades sociais.



Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. (FREIRE, 1967 p. 122)

De acordo com Boomeny (2010), as desigualdades são conjuntos de processos e experiências sociais que fazem com que alguns indivíduos ou grupos tenham vantagens sobre outros. A autora afirma que situações que envolvem educação, saúde, moradia, consumo, arte, esportes, etc nos ajudam a compreender como alguns segmentos sociais são beneficiados nesses acessos de civilização. A partir desta análise, é possível compreender que existem classes mais favorecidas em detrimento de outras em diversos aspectos. Neste documentário abordaremos o aspecto da educação, que é um direito assegurado a todos os cidadãos brasileiros pela Constituição Federal. É na educação que as primeiras relações de identificação de classe social começam a ser reveladas.

Em poucos campos da vida social os anseios humanos se revelam com tanta força como no campo da educação. Ali, as incessantes escolhas são sempre significativas. É lá que, em relação direta com os seus membros mais jovens, o social investe sua autorrepresentação presente, forja uma imagem do próprio passado e projeta-se na construção (ou "contingenciamento", conforme o caso e para usar um vocábulo da moda) de um futuro. Por isso a educação em seu sentido forte jamais se reduz a um assunto puramente técnico da alçada de especialistas (ou pedagogos, os burocratas ou coisa pior), nem pode ser tratada à guisa de questão meramente individual ou familiar (como se os pais tivessem a última palavra). O campo da educação é eminentemente social, ponto de tenso entrecruzamento de variadas perspectivas, atravessado pelas disputas em torno



do que a sociedade é, foi e poderá ser (o que espera das próximas gerações) sob a mediação de um entendimento acerca do saber e da própria cultura que ela produz (SANTIAGO, et al, 2018)

O cenário de jornada entre trabalho e estudos também está refletido no perfil dos estudantes universitários do Brasil. De acordo com o Mapa do Ensino Superior no Brasil, de 2020, os estudantes de ensino superior brasileiro possuem perfil predominantemente branco, feminino, estuda em instituições privadas no período noturno, fez o ensino médio em escola pública, mora com os pais e precisa trabalhar para complementar uma renda de até dois salários mínimos. A experiência vivida no ensino médio se estende a vida universitária desse jovem. Apesar de fazer uma crítica social a essa realidade social vivida por esses estudantes, um dos objetivos principais desse material foi o de ouvir atentamente o que os jovens entrevistados pensam a respeito disso e como se sentem.

O âmbito escolar é o espaço de formação que ultrapassa o simples “transferir conhecimento”, mas sim é um importante impulsionador da atividade humana de criticar situações, realidades e criar caminhos para a transformação social, além de também ser um espaço de convivência, acesso a cultura e direitos. Freire (1996, p. 25) afirma que ensinar não é transferir conhecimento, “mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O autor também afirma que não há saber separado da individualidade de cada educando e questiona: “Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas mais pobres da cidade?”.

É importante ressaltar que ter tido estudantes de escola pública como objeto de análise deste produto não significou ignorar as contribuições da educação particular, bem como de seus respectivos educandos, mas sim mostrar que há diferenças estruturais e econômicas entre aqueles que desfrutam do privilégio de apenas estudar e àqueles que precisam viver a rotina dupla. Sendo assim, esta também foi uma tentativa de visibilizar os jovens que vivenciam esse contexto, como também expor para a sociedade quais são



as opiniões, sonhos e os desafios que esses jovens possuem de acordo com o meio em que vivem e como a escola impacta os cenários de transformação social .

2.2 DOCUMENTÁRIO

Ao narrar sobre um tema, como nesse caso é a educação pública brasileira e as juventudes, escolhi especificamente o documentário, pois nele poderia explorar imagens e detalhes que dão vida a narrativa. De acordo com Salles (2004), o documentário não é uma coisa só, mas sim muitas, e o mesmo não é como um cardápio fixo de técnicas e estilos. O autor também afirma que os primeiros minutos de um filme não-ficcional desempenham um papel muito importante no processo de contextualização da história a ser narrada no produto. A partir dessa análise, é possível perceber que os recortes, as primeiras imagens, bem como por quais perspectivas essa narrativa será contada, influenciam diretamente na introdução do telespectador ao tema abordado. A criação desse material passou por uma variedade de captações de imagens e exploração dessa narrativa, pois, como afirma Barry Hampe:

Alguns documentaristas realmente pensam que é só gravar um monte de entrevistas, transcrevê-las e então organizar o script. Este pode ser um bom começo para redigir um artigo, mas não para fazer um bom documentário [...]. Você precisa de muito mais do que um monte de pessoas falando sobre algum assunto. Se você está fazendo um documentário sobre meio ambiente, você pode entrevistar um ambientalista que diz que uma fábrica está poluindo um rio. Então você pode entrevistar um encarregado da fábrica, que dirá que a fábrica não está poluindo. Isto por si só não quer dizer nada, é o que você encontra nos noticiários locais. Apenas falar sobre o problema não é o mesmo que documentar o problema, é apenas registrar o que as pessoas acham. Mas se você filmou coisas estranhas sendo despejadas no rio, você está começando a mostrar o problema e não apenas falar sobre ele (HAMPE, 1997, p. 02)



Explorar as possibilidades de imagens e estar inserida no cotidiano das fontes a serem entrevistadas foram algumas das propostas pessoais desse material, como forma de alinhar o trabalho jornalístico de apuração e captação de informações com os recursos visuais. Transmitir o protagonismo desses jovens, na relação entre escola, estudos e trabalhos partiu de um desejo de destacar a resistência da população em um sistema que valoriza a meritocracia e possui disparidades sociais evidentes.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir os mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução. (NICHOLS, 2005, p. 47)

Representar a realidade em que vivemos está para além de sua mera reprodução, mas se estende também ao direito à informação de relevante interesse público, garantido pelo Código de Ética dos Jornalistas. O compromisso com a veracidade dos fatos e o respeito com as fontes foram primordiais para a construção desse trabalho, bem como, de qualquer outra prática jornalística.

“Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.



II) A produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público” (FENAJ, 2007, p.1)

O jornalismo de caráter imersivo escolhido para a construção desse material se deu em razão das possibilidades de aprofundamento e retratação detalhada das histórias a serem contadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema educação pública e juventudes brasileiras me acompanha desde a pré-adolescência. Particpei de grêmios, pesquisas e lutas por uma educação pública de qualidade. Me torno comunicadora, mas sonho mesmo em ser professora. Nesses quatro anos de graduação, em especial nesses últimos meses produzindo o documentário, pude perceber que a comunicação é o elo principal entre educador e educando. Essa é uma pauta que permeia a minha vida.

Com minha experiência em uma universidade pública, percebi que muitos dos meus, não estão ocupando as cadeiras da sala de aula acadêmica. Apesar de sabermos



ler as junções das palavras “a,b,c”, sinto que ainda nos falta a principal a leitura que precede a palavra, uma leitura social. Por isso escolhi falar sobre esse tema no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Essa também foi a oportunidade de estar de volta a sala de aula de uma escola e poder ouvir os alunos que estão lutando por uma melhoria de vida.

O documentário “Da Ponte pra Cá” atingiu os objetivos principais de ouvir esses adolescentes e dar vazão ao que dizem as pesquisas sobre desigualdade social na educação brasileira.

É importante citar que o título “DA PONTE PRA CÁ” faz referência a música grupo de rap Racionais Mc’s, que escrevem sobre a realidade que vive a periferia brasileira. O refrão dessa música diz: “Não adianta querer, tem que ser, tem que pá

O mundo é diferente da ponte pra cá”. Acredito que ela define bem as circunstâncias sociais brasileiras, da ponte do privilégio pra cá, periferia, o mundo é diferente. Os sonhos são mais difíceis de serem alcançados.

Por fim, destaco que essa produção audiovisual contribuiu efetivamente na minha formação enquanto profissional jornalista, nos aspectos de entrevista, escuta ativa e atenta e os impactos dessa profissão.



4.REFERÊNCIAS

ENQUITA, Mariano Fernández; **La Escuela a Examen**, 2004. Salamanca, Espanha: Pirámide.

BRASIL, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre o estabelecimento da lei de diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12/05/2023.

BRASIL, Decreto n. 5.598, de 1 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a regulamentação na contratação de jovens aprendizes. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5598.htm. Acesso em: 10/05/2023

ALVES, Rubem. *Conversas com Quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: Papyrus Editora, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz&Terra, 1996.

HAMPE, Barry. "Escrevendo Um Documentário." 1997. Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

SALLES, João Moreira. "A dificuldade do documentário", 2004. XXVII Encontro Anual das ANPOCS.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

Código de Ética dos Jornalistas, Federação Nacional dos Jornalistas. Vitória, Espírito Santo, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 11/05/2023

BRASIL, 2018. Pisa 2018. Relatório Nacional. Brasília, DF: INEP/MEC. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-basica/relatorio-brasil-no-pisa-2018>

BELLUZZO, Walter. Et al. *O diferencial de desempenho escolar entre escolas públicas e privadas no Brasil*. 2014, Nova Economia.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



BOMENY, Helena. FREIRE, Medeiros Bianca. Et al. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia. 2010, Editora do Brasil.

BRASIL, 2019. Pesquisa Nacional de Saúde Escolar - PeNSE. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, RJ 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 28/05/2023